

Recortes de uma revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade na educação musical

*Excerpts from a bibliographic review on
gender and sexuality in music education*

Yanaêh Vasconcelos Mota, Dra.
Universidade Federal do Ceará - campus Sobral
yanaeh.mota@ufc.br

Como citar este texto:

MOTA, Y. V. Recortes de uma revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade na educação musical. **Diálogos Sonoros**, v. 2, n. 2, p. 1-21, jul./dez. 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/38282>.

Submetido em: 19/11/2024.

Aceito em: 02/12/2024.

RESUMO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve como tema gênero e sexualidade no desenvolvimento profissional docente de professoras de violoncelo atuantes em universidades federais brasileiras. O recorte apresentado contempla a revisão bibliográfica classificada em três grupos temáticos: trabalhos que investigam a intersecção entre identidade de gênero e repertório musical, trabalhos que investigam a contribuição e a participação de mulheres em práticas pedagógicas e musicais e trabalhos que interseccionam gênero e sexualidade em práticas pedagógicas ou na literatura da educação Musical. O artigo também apresenta considerações sobre como essas questões se interseccionam com a legislação que prevê, direciona e apoia discussões e currículos em sala de aula.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação Musical. Literatura.

ABSTRACT

This article is an excerpt from a master's research focused on gender and sexuality in the professional development of women cello teachers working at Brazilian federal universities. The excerpt presented includes the bibliographic review, which was categorized into three thematic groups: studies investigating the intersection between gender identity and musical repertoire, studies examining the contribution and participation of women in pedagogical and musical practices, and studies that intersect gender and sexuality in pedagogical practices or in music education literature. The article also offers reflections on the legislation that guides, directs, and supports discussions and curricula in the classroom.

Keywords: Gender. Sexuality. Music Education. Literature.

1 INTRODUÇÃO: DOS INCÔMODOS INICIAIS AO REFINAMENTO DO TEMA

O presente artigo deriva de minha pesquisa de mestrado (Mota, 2019), a qual teve como tema gênero e sexualidade no desenvolvimento profissional docente. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entre os anos de 2018 e 2019. Seu objetivo geral foi investigar o desenvolvimento profissional docente de duas professoras de violoncelo atuantes em universidades federais nordestinas, destacando suas concepções sobre gênero e diversidade sexual na/para a formação e atuação em música.

Neste artigo, optei por abordar, especificamente, uma dimensão de minha pesquisa: a revisão bibliográfica, a fim de tecer reflexões sobre a pertinência em haver discussões sobre gênero e sexualidade na formação acadêmica em música. Para tal, convido a pessoa leitora a caminhar comigo num breve percurso que parte da minha motivação para realizar o mencionado estudo, passando pelas minhas incursões em outras áreas do conhecimento em busca da conceituação do que é ser mulher e professora, além de estudos, pesquisas e ensaios na Educação Musical, para apresentar como as categorias de gênero e sexualidade (quando esta aparece nos textos) têm sido abordadas.

O interesse pela investigação sobre gênero, sexualidade e desenvolvimento profissional de professoras universitárias de música, especificamente, de violoncelo, nasceu a partir de reflexões que fiz sobre a minha própria trajetória de formação – um processo por meio do qual ressignifiquei minhas experiências como mulher cisgênera¹, violoncelista e professora do instrumento. Estando, todavia, consciente de que uma pesquisa acadêmico-científica não se pauta apenas em experiências e interesses pessoais, busquei bases teóricas para compreender a minha própria experiência, a partir dos estudos de gênero, da filosofia e da educação – além dos próprios estudos da educação musical. Durante a pesquisa de mestrado, escutei, de outras mulheres músicas², relatos de assédios e abuso sexuais, tratamentos desrespeitosos e condutas inadequadas, orientadas por formas naturalizadas de pensar e agir. Isso me estimulou e tem me estimulado a imergir, cada vez mais, em meus estudos, vivendo-os intensamente em todas as minhas atividades cotidianas: lendo, escrevendo, preparando e dando aulas, estudando, fazendo música e vivenciando o cotidiano universitário.

A pesquisa, iniciada em meados de 2018, nasceu de um questionamento inicial vinculado à minha vivência, a qual foi permeada quase que exclusivamente por *músicos e professoras*. Questionei-me: “afinal, quantas professoras de violoncelo existem, em exercício, nas universidades federais brasileiras?”, pois eu, dentro de minha realidade imediata, conhecia poucas mulheres professoras de música no Ensino Superior e de

¹ “Cisgênero [ou cis]: conceito ‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (Jesus, 2012, p. 14).

² Refiro-me à mulher que produz, interpreta, compõe e faz música pela utilização do substantivo feminino *música*. Destaco o uso político do termo, pois, desta forma, torna-se evidente que “o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres” (Butler, 2003, p. 18).

violoncelo, menos ainda. Porém, após responder a esta pergunta ³, vários outros questionamentos surgiram: como se deu o processo de formação destas mulheres professoras de violoncelo? Como elas atuam na universidade? Quais foram (ou são) seus desafios como mulheres professoras e violoncelistas?

Buscando respostas aos questionamentos que brotavam, infinitos, retroalimentando-se a cada possível conclusão, e meditando sobre minhas vivências, tive a oportunidade de imergir no contexto de formação de professoras/es da área. Com olhar sensibilizado pelas leituras demandadas por minha pesquisa pude refletir sobre gênero e sexualidade a partir do meu estágio docente, realizado na XXX, durante o primeiro semestre de 2019. No estágio, pude experienciar a docência com seus embates, problemas, diálogos, soluções construídas colaborativamente e com suas questões de gênero.

No decorrer do semestre, eu, como estagiária docente e pesquisadora em formação, observava a dinâmica e interações do grupo diverso de alunas/os e alune, bem como planejava e ministrava as aulas da disciplina em comum acordo com a professora regente. O final do semestre misturou-se ao meu período de qualificação da dissertação, o que me levou a novas e intensas reflexões sobre gênero e sexualidade no âmbito do ensino superior em música. Para além da minha pesquisa, estava vivendo o período de lançamento de notas e acordos finais com a turma e me senti inquieta. Estive observando durante meu processo de pesquisa as mulheres professoras de violoncelo no ensino superior, mas, agora, inserida na realidade da sala de aula, algo urgia para que eu considerasse a minoria discente: as pessoas LGBTQIA+⁴. Algumas questões afloraram e eu me vi lendo e buscando entender para além do meu território cisgênero e heteronormativo.

A busca incessante por respostas às minhas inquietações iniciais (focalizadas exclusivamente em mulheres professoras) foi dilatada ao considerar uma perspectiva mais ampla sobre gênero, aproximando-a da sexualidade. Deste modo, estabeleci o seguinte problema de pesquisa para minha dissertação de mestrado: como as questões de gênero e diversidade sexual permeiam o desenvolvimento profissional docente de professoras de música? Com vistas a responder a esta pergunta, estabeleci, como objetivo geral

³ Em um levantamento feito em 2018, localizei um total de 24 professores e professoras de violoncelo atuantes em universidades federais brasileiras. Deste total, apenas seis eram mulheres (Mota; Souza, 2018).

⁴ Sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneras/os/ Transexuais/ Travestis, Queer, Intersexos, Assexuais e outras identidades que não tenham sido representadas por essas iniciais.

da pesquisa investigar o desenvolvimento profissional docente de duas professoras de violoncelo atuantes em universidades federais nordestinas, destacando suas concepções sobre gênero e diversidade sexual na/para a formação e atuação em música. E como objetivos específicos elenquei: 1) conhecer as narrativas de formação em música das colaboradoras; 2) conhecer suas trajetórias de atuação profissional em música; 3) identificar as relações que se estabelecem entre suas narrativas de formação e suas trajetórias de atuação profissional na área; e 4) destacar suas experiências, reflexões e concepções docentes sobre gênero e diversidade sexual na/para a formação e atuação em música e/ou em seu ensino.

A fim de conhecer a forma como essas questões vinham sendo tratadas na literatura acadêmico-científica da área, realizei uma revisão bibliográfica para integrar a minha dissertação. Esse procedimento me permitiu identificar trabalhos e autoras/es da Música/Educação Musical que se dedicam – ou se dedicaram – ao tema. Assim, neste artigo, apresento a revisão bibliográfica de minha dissertação, a fim de tecer reflexões sobre gênero e sexualidade na formação superior em música.

2 INTERSECÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE GÊNERO (E SEXUALIDADE) NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Antes de apresentar minha revisão de literatura, localizando trabalhos sobre gênero e sobre gênero somado à sexualidade, quando esta intersecção for disponível, na educação musical do Brasil, objetivo deste texto, proponho à pessoa leitora, uma pequena atividade. Pegue na prateleira de uma biblioteca algum livro relacionado à História da Música, mais especificamente obras que se dedicam a evidenciar compositores. Abra-o no sumário. Quantas mulheres (cis ou trans) foram contempladas neste sumário? Partindo das ausências ou desse baixo número, o que podemos inferir? Geralmente, encontramos apenas referências a homens reconhecidos pelos seus feitos na música, nas áreas de composição, *performance*, didática, análise, estruturação musical, estética e filosofia da música, entre outras. Comumente, são homens cis, brancos, europeus e pouco ou nada se sabe a respeito de suas orientações sexuais, por não ser uma informação considerada importante. Considero este pequeno momento de reflexão importante para entender o que vem a seguir. Pois não é só na literatura, mas também nas práticas musicais cotidianas

que “nós não ouvimos masculinidade na música; nós a assumimos” como natural (Green, 1997, p. 89).

No entanto, pensando especificamente na produção acadêmico-científica brasileira, em nível de doutorado, na educação musical, 62,37% das teses foram desenvolvidas por mulheres e 37,63%, por homens (Pereira, 2018; Pereira; Gillanders, 2019). O dado apresentado por Pereira (2018) e Pereira e Gillanders (2019) reforçam os dados da Súmula Estatística, relativa ao ano de 2016, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁵. Nela, é possível observar que as mulheres são maioria em *todos* os níveis acadêmicos, pois representam 60,6% do número total de graduadas, 58,9% de mestras e 56,3% de doutoras, além de ser maioria na produção de publicações científicas no país⁶.

Portanto, a produção científica na educação musical brasileira é promovida, sobretudo, por mulheres. Curiosamente, questões relacionadas às próprias mulheridades, relacionando-se ao gênero (e à sexualidade), ainda são emergentes e, como afirmam Zerbinatti, Nogueira e Pedro (2018), marginalizadas. Essas observações indicam que “o campo científico é sexuado [e generificado]” (Blay, 2002) e, sobretudo, um campo de disputas discursivas.

Pereira e Gillanders (2019, p. 115) classificaram, em quatro as linhas investigativas que são estudadas por mulheres: gênero, raça e minorias, com 13 teses; educação musical especial, com 14 teses; musicalização de bebês, com 15 teses e educação de adultos, com 16 teses. Dos 13 trabalhos alocados na categoria “gênero, raça e minorias”, observo que apenas três possuem como tema principal a mulher na prática musical e/ou gênero⁷, a saber: Harue Sorrentino (2012); Marcos Moreira (2013); Vivian Siedlecki (2016). Acrescento ainda a tese de Suzana Igayara-Souza (2011) e a pesquisa de doutorado, à época, em andamento, de Clara Albuquerque (2019).

⁵ Súmula Estatística. CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-nivel-detreinamento-e-sexo>. Acesso em: 28 mai. 2019.

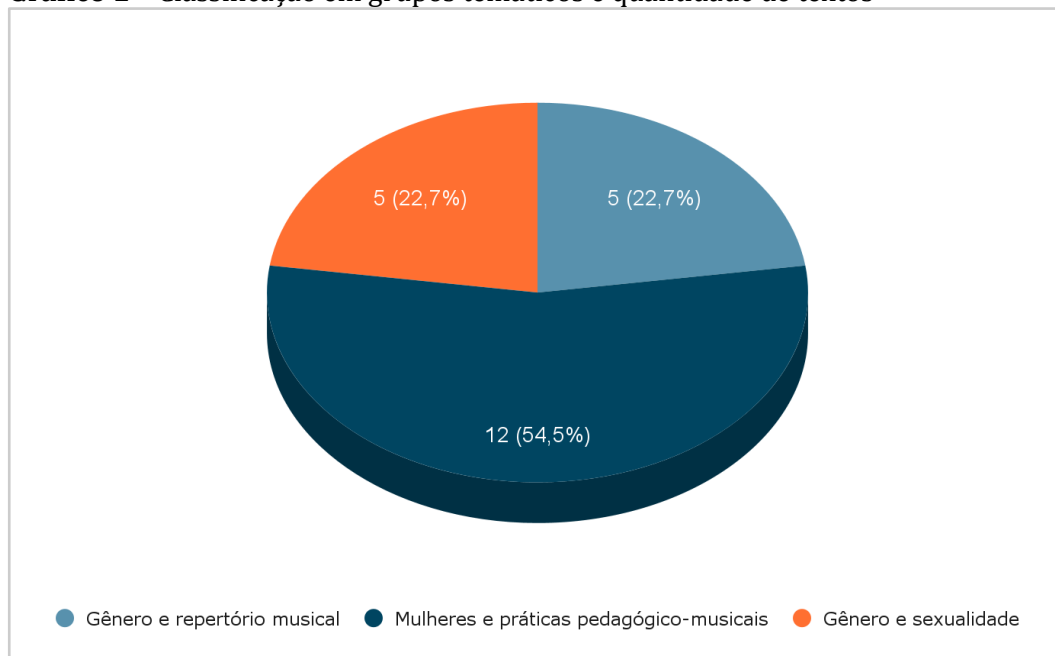
⁶ TOKARNIA, Mariana. Mulheres assinam 72% dos artigos publicados no Brasil. *Agência Brasil*. 23 mar. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil?fbclid=IwAR1QXIrInXVEqO5HPrmfkDoQcJ2yUk2cHiOyodnSEix5hg9uz2olbMED6DM>. Acesso em: 08 jun. 2019.

⁷ Tomo como base a planilha com dados gerais da pesquisa disponibilizada por Pereira, em 2018, ao comunicar seu trabalho no XV Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical. Disponível em: <https://sites.google.com/view/educacaomusicalnobrasil>. Acesso em: 15 dez. 2019.

Ciente desse contexto e aproximando-me de uma revisão narrativa, nesta seção, apresento estudos que abordaram mulheres e educação musical como foco de pesquisa e a emergente literatura que articula gênero, sexualidade e educação musical. É válido ressaltar ainda que a própria bibliografia sobre o tema tem crescido. Por isso, os fragmentos apresentados abaixo se aproximam do momento em que essa revisão foi realizada, entre os anos de 2018 e 2019.

A literatura consultada pode ser classificada em 3 grupos temáticos, a saber: 1) trabalhos que investigam a intersecção entre identidade de gênero e repertório musical (Silva, 2000; 2002; 2004; 2006; 2019); 2) trabalhos que investigam a contribuição e a participação de mulheres em práticas pedagógicas e musicais (Albuquerque, 2019; Igayara-Souza, 2011; 2019; Meurer; Pereira, 2017; Moreira, 2013; Mota; Souza, 2018; Oliveira, 2018; Pages; Wille, 2017; Recôva, 2019; Sorrentino, 2012; 2018; Zerbinatti, 2018); 3) trabalhos que interseccionam gênero e sexualidade em práticas pedagógicas ou na literatura da educação musical (Mariano, 2019; Siedlecki, 2016; Wenning, 2018; 2019; Wolffenbüttel *et al.*, 2018).

Gráfico 1 – Classificação em grupos temáticos e quantidade de textos



Fonte: a autora.

No primeiro grupo temático, sobre trabalhos que investigam a intersecção entre identidade de gênero e repertório musical, estão os textos de Helena Lopes da Silva. Em 2000, Silva escreveu a dissertação intitulada *Música no espaço escolar e a construção da*

identidade de gênero: um estudo de caso, apontada por Rosa *et al.* (2013) como pesquisa pioneira na educação musical a discutir gênero. O estudo investigou a construção das identidades de gênero reveladas pelas preferências musicais de meninos e meninas da 8ª série do ensino fundamental, com fundamentação teórica em Lucy Green (1997). Como um estudo inaugural, a dissertação (que foi publicada em livro em 2019⁸) possibilitou pensar conexões e novas possibilidades com um tema até então não-convencional na área.

Encontrei, pelo menos, três artigos da autora que derivam de sua pesquisa de mestrado: *Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso* (Silva, 2002), disponível na Revista Opus, oitavo volume; *Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música* (Silva, 2004), disponível na Revista da ABEM, volume 12, número 11; *Gênero, adolescência e música: um estudo de caso no espaço escolar* (Silva, 2006), disponível na Revista Em Pauta, volume 17, número 28.

No segundo grupo temático, sobre trabalhos que investigam a contribuição e a participação de mulheres em práticas pedagógicas e musicais, estão os textos de Clara Albuquerque (2019), Marcos Moreira (2013), Suzana Igayara-Souza (2011; 2019), estes com abordagem histórica, e os textos de Camila Zerbinatti (2018), Harue Sorrentino (2012; 2018; 2019), Karla Santos e Marcela Gerizani (2018), Rafael Meurer e Sérgio Pereira (2017), Simone Recôva (2019), Tamiê Pages e Regiana Wille (2017), Thaís Oliveira (2018), Yanaêh Mota e Zilmar Souza (2018), estes textos abordagem práticas atuais de mulheres músicas, além de buscá-las situar em instituições de ensino e seus currículos.

Com abordagem histórica, a tese *Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907 – 1958)* (Igayara-Souza, 2011) traz à baila textos históricos de forma a localizar e analisar a produção escrita por 46 mulheres sobre música, relacionada a diversos contextos educacionais no Brasil da metade do século XX.

Em vista disso, o objeto investigado foram 100 livros sobre música escritos por estas mulheres. Igayara-Souza (2011, p. 20) afirmou que “boa parte dessa produção [analisada] nasceu da atuação de professoras ligadas ao ensino primário e secundário, concentradas em temáticas ligadas à infância”, pois a produção relacionada ao ensino

⁸ SILVA, Helena Lopes da. *Música, juventude e a construção da identidade de gênero no espaço escolar*. Curitiba: Appris, 2019.

superior foi “originada pela exigência de publicação de teses de concurso como forma de acesso às carreiras docentes no Instituto Nacional de Música (depois Escola Nacional de Música) no Rio de Janeiro” (Igayara-Souza, 2011, p. 21). A tese nos auxilia a perceber as condições históricas e sociais que permitem observar a professora de música na história da profissão docente, bem como o desenvolvimento da subárea de educação musical no Brasil, além de servir de eixo de reflexão para pensarmos a feminização do magistério de música. Em 2019, Igayara-Souza publicou uma reelaboração de um dos capítulos da sua tese, indicando que a escrita de livros didáticos de música, durante as primeiras décadas do século XX, era “parte da atividade docente, e que o livro foi visto como um dispositivo de inserção no campo profissional” (Igayara-Souza, 2019, p. 305).

Em 2013, Marcos do Santos Moreira defendeu a tese *Mulheres em bandas de música no Nordeste no Brasil e no Norte de Portugal* que apresentou a participação feminina em seis bandas, a saber: Sociedade Filarmônica Euterpe Japaratusense; Sociedade Curica; Filarmônica Bom Jesus; Banda Flor da Mocidade Junqueirense; Banda Velha União Sanjoanense e Filarmônica da Amizade. O autor aponta a escassez de pesquisas sobre o tema mulheres na música, especificamente relacionadas a seu tema, bem como sinaliza a participação feminina ainda minoritária nos grupos titulares das filarmônicas, principalmente quando a filarmônica é antiga (Moreira, 2013, p. 303). Este estudo lançou luz sobre o debate ainda incipiente sobre as relações de poder que impedem ou dificultam a entrada e permanência de mulheres em formações/grupos artístico-musicais.

Destaco ainda a pesquisa de doutorado, à época em andamento, de Clara Albuquerque (2019), que se situou na intersecção entre história da educação musical e estudos de gênero. Como o desenvolvimento de sua pesquisa, Albuquerque (2019) pretende investigar a prática pedagógico-musical de “mulheres, professoras ou alunas, no Rio de Janeiro, no século XIX, de 1822 a 1889, e os seus relatos de experiências pessoais, subjetivas e afetivas diante desta prática” (Albuquerque, 2019, p. 22).

Nos textos ainda da segunda categoria, mas que não contemplam abordagem histórica, está a tese de Harue Tanaka Sorrentino (2012) intitulada *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. A autora observou

o processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos musicais no grupo *Ganhadeiras*⁹ de Itapuã (BA), grupo existente desde 2004, utilizando a abordagem PONTES¹⁰. As *Ganhadeiras* “criam e recriam a sua própria educação, que não existiria só para difundir o saber, mas para reforçar o resistir” (Sorrentino, 2012, p. 54). A autora, imersa no cotidiano do grupo, analisou a prática pedagógica baseada na oralidade por meio de prismas pouco comuns na educação musical, como a análise de idade/geração – ao tratar de mulheres idosas e a relação entre mulheres, música e educação. O estudo orienta reflexões no sentido de dilatações fronteiriças do ensino de música.

Isso significa fomentar um respeito à diversidade musical do nosso país, às múltiplas identidades musicais e aos perfis de nossos músicos e aprendizes, bem como uma intensa conectividade entre o que se aprende e o que se pode aprender musicalmente através de articuladores/facilitadores/mediadores/professores sensíveis (Sorrentino, 2012, p. 484).

Os outros textos deste grupo temático são, em maior parte, comunicações sobre mulheres na educação musical, localizadas nos anais dos Encontros Regionais e Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), no biênio 2017/2018, ou nos anais do simpósio *A produção musical e sonora de mulheres*, do XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), em 2018, ou do simpósio *Música e gênero: reflexões sobre processos e práticas na produção sonora de mulheres*, do XXIX Congresso da ANPPOM, em 2019, ambos coordenados pelas professoras doutoras Isabel Porto Nogueira, Laila Andresa Cavalcante Rosa e Harue Tanaka.

Os textos encontrados nos anais dos Encontros Regionais e Congresso Nacional da ABEM abordam questões múltiplas relacionadas às mulheridades. Tamiê Pages e Regiana Wille (2017) apresentaram uma discussão sobre o conceito de gênero para situar o objeto de uma pesquisa em andamento (à época): a representação da mulher na música popular

⁹ “A ganhadeira representa a mulher que pratica toda e qualquer atividade de ganho, portanto, o gênero do qual as lavadeiras, quituteiras, costureiras, peixeiras e outras diversas atividades seriam as espécies” (Sorrentino, 2012, p. 33).

¹⁰ “PONTES representa um acróstico: Positividade – Objetividade – Naturalidade – Técnica – Expressividade – Sensibilidade, enquanto acróstico representa a junção das primeiras letras do conjunto de seis características desejáveis na conduta do educador musical que o guiarão e/ou o auxiliarão a obter uma melhor articulação pedagógica (“ponte”), ou seja, propiciando-lhe obter uma forma melhor de abordar o aluno do ponto de vista pedagógico” (Sorrentino, 2012, p. 133).

brasileira a partir da perspectiva de estudantes do Ensino Médio observada por entrevistas focais. Rafael Meurer e Sérgio Pereira (2017) publicaram resultados de um estudo exploratório que teve como objetivo compreender como doze licenciandas em música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) percebem questões de gênero desde a escolha do instrumento à entrada e permanência em um curso superior majoritariamente masculino¹¹. Thaís Oliveira (2018) analisou a predominância de obras musicais de homens compositores no repertório solicitado nas provas específicas de violão para ingresso em cursos de licenciatura e de bacharelado de cinco universidades federais brasileiras (UFPA, UFBA, UFRJ, UFG, UFRGS). Yanaêh Mota e Zilmar Souza (2018) apresentaram aspectos gerais de dados relacionados ao ensino de violoncelo nas Universidades Federais brasileiras, evidenciando o lugar das mulheres professoras do instrumento em cursos superiores de música.

Os textos encontrados nos anais dos Congressos da ANPPOM são relacionados ao simpósio *A produção musical e sonora de mulheres*, do XXVIII Congresso da ANPPOM (2018) e no simpósio *Música e gênero: reflexões sobre processos e práticas na produção sonora de mulheres* do XXIX Congresso da ANPPOM (2019). O simpósio *A produção musical e sonora de mulheres* foi considerado “um dos simpósios que teve maior demonstração de interesse e maior número de trabalhos aprovados, o que reflete a relevância do tema e o desejo de interlocução de pesquisa em âmbito nacional” (Nogueira; Rosa; Tanaka, 2018, p. 1).

Deste simpósio, especificamente relativo à Educação Musical, destaco o trabalho de Karla Santos e Marcela Gerizani (2018), no qual as autoras apresentaram reflexões iniciais a partir de sua revisão bibliográfica sobre assédio moral no ensino de música; a comunicação de Harue Tanaka (2018), no qual a autora partiu de sua experiência e teceu reflexões sobre ser mulher sanfoneira dentro da universidade; e a comunicação da pesquisa de Camila Zerbinatti (2018) que analisou o currículo de dois cursos de bacharelado em violoncelo (UNIRIO e USP). A autora percebeu a ausência total de compositoras nos currículos analisados e sugeriu que

¹¹ Segundo os autores, no período de 2011 a 2016, o número de mulheres que ingressaram no curso de licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina foi, em média, 23% (Meurer; Pereira, 2017, p. 3). É possível inferir, no entanto, que esta seja uma tendência a nível nacional, pois, segundo Soares, Schambeck e Figueiredo (2014), 64% dos estudantes participantes da pesquisa provenientes de 43 cursos de licenciatura em música do Brasil são do “sexo masculino e 36% do sexo feminino” (Soares; Schambeck; Figueiredo, 2014, p. 55).

a inclusão, nos currículos dos cursos de violoncelo, de compositoras brasileiras, principalmente de criadoras não-brancas e em outras marcações/ condições sociais de marginalidade/ descentramento/ desvalorização, pode oferecer alternativas no enfrentamento das *intransitabilidades* e das *inaudibilidades* dos circuitos que predominante operam dos centros para as periferias, e raríssimamente em sentido inverso ou ainda em outros sentidos. Isso implica, necessariamente, também na música, em rupturas político-epistemológicas dos contextos já naturalizados, institucionalizados e estabelecidos [...] (Zerbinatti, 2018, p. 8).

No simpósio *Música e gênero: reflexões sobre processos e práticas na produção sonora de mulheres* do XXIX Congresso da ANPPOM (2019), localizei o texto de Tanaka (2019), em que narrou a experiência de uma das ações do grupo de pesquisa MUCGES (Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde), o curso de Música para Mulheres – do fazer à leitura (“Mulheres em performance musical: cuidando do musicar local”). Também localizei a comunicação de Simone Recôva (2019), por meio da qual a autora compartilhou histórias de vida das docentes universitárias violonistas brasileiras em cursos superiores de Música em universidades federais no Brasil entre 1980 – 2018, objeto de seu projeto de doutorado em andamento (à época).

Os textos até aqui apresentados abordam perspectivas das mulheridades, o que parece ter se tornado foco premente das autoras. No entanto, os trabalhos do terceiro grupo temático somam às discussões de gênero, perspectivas sobre sexualidade na educação musical. Por isso, são trabalhos que interseccionam gênero e sexualidade em práticas pedagógicas ou na literatura da educação musical.

Sobre essa intersecção, há a tese de Vivian Siedlecki (em 2016), intitulada *A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciandos/as em Música* que analisou os discursos de quatro licenciandos/as do curso de música em universidades públicas do Sul acerca da diversidade de gênero e sexualidade, em suas relações com a música. Este trabalho é o primeiro, na Educação Musical, em nível de doutorado, que questiona as fronteiras entre gênero, corpos, sexualidade e educação musical, considerando o debate pós-moderno (Butler, 2000; Laqueur, 2001) de forma a

aportar reflexões sobre essas questões para a formação inicial dos/as professores/as de música e produzir outros repertórios de significados que permitam estabelecer fissuras para um alargamento das margens de inteligibilidade das categorias constituídas socialmente sobre corpos generificados e sexuados (Siedlecki, 2016, p. 24).

A autora percebeu que cursos formadores de professoras e professores de música ainda não possuem debates institucionalizados sobre a diversidade de gênero e sexualidade. Sendo assim, essa temática tende a não ser reconhecida como constitutiva da formação inicial em música. O “silêncio sobre a articulação música/gênero/sexualidade nos espaços acadêmicos atravessou a percepção do/as licenciando/as em música. Esse silêncio configura um discurso que invisibiliza outros modos de ser para além da matriz hétero-cis-normativa” (Siedlecki, 2016, p. 150).

Em perspectiva similar está a dissertação de Gabriela Wenning (2019)¹², que analisou os significados compartilhados por professoras/es de música da educação básica com o objetivo de compreender como estas/es professoras/es de música vivenciam a diversidade de gênero e sexualidade ao ensinarem música na escola. Wenning (2019) contribuiu para a área ao destacar diversas perspectivas docentes acerca da temática e ao sugerir que “a aula de música é um tempo-espço generificado e um ambiente sexualizado” (Wenning, 2019, p. 108).

Hugo Mariano (2019) defendeu sua dissertação de mestrado, que se configura como uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi analisar os conteúdos das publicações da Educação Musical indexadas no Portal de Periódicos da CAPES¹³, disponíveis entre os anos 2017 e 2018. Mariano (2019) analisou 439 resumos e, desse número, apenas treze publicações apresentaram conteúdos específicos sobre a temática gênero e sexualidade, a saber: onze artigos, uma resenha de livro e um capítulo de livro. Sendo assim, é possível afirmar que, apesar de haver trabalhos sobre o assunto, esse campo temático carece de mais trabalhos, empíricos e teóricos na educação musical brasileira.

Em relação às comunicações em anais de eventos e artigos sobre este tema – gênero e sexualidade –, destaco o texto de Wolffenbüttel *et al.* (2018) que buscou compilar artigos publicados na Revista da ABEM no período de 1992 a 2017, disponíveis *online*, que contemplassem as discussões sobre gênero, sexualidade, corpo e música. As autoras e os autores localizaram doze publicações. Destas, apenas quatro consideraram a intersecção música/gênero e, sobre o recorte música/sexualidade: “nenhum artigo foi encontrado, ao

¹² A autora publicou nos anais do XVII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical seu projeto de dissertação de mestrado, em 2018.

¹³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação – CAPES/MEC.

menos até o primeiro semestre de 2018, período em que se compreende o recorte da presente pesquisa” (Wolffenbüttel *et al.*, 2018, p. 7).

Diante do exposto, como ponto comum a todos os trabalhos, está a necessidade de ampliação das discussões relacionadas aos temas de gênero (e sexualidade) na educação musical, de modo que, tal como observado em Mariano (2019), foi possível perceber a reivindicação por inclusão e visibilidade do(s) tema(s).

3 POR QUE PENSAR EM GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO MUSICAL?

Abordar gênero e sexualidade seja na formação, seja na atuação docente de música contribui para a promoção de ambientes acolhedores, valoriza a diversidade, auxilia na desconstrução de preconceitos e contribui para uma noção socialmente localizada do fazer/ensinar música. É interessante observar que o debate sobre a temática – gênero e sexualidade – na educação musical não está descolada de uma legislação que prevê, direciona e apoia discussões e currículos em sala de aula. Tomo como exemplo a Lei nº 14.164/2021, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) para incluir no currículo da educação básica o conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher e a recém-sancionada Lei nº 14.986/2024, que altera a LDB para incluir nos conteúdos das escolas de ensino fundamental e médio abordagens baseadas nas perspectivas e experiências femininas.

Também cito os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), formulados em 1997, que possuem como horizonte legal a LDB, bem como o comprometimento do Brasil com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990)¹⁴ e com a Declaração de Nova Delhi sobre Educação para Todos (1993)¹⁵. Os PCN são “instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas em sua escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático” (Brasil, 1997a). Entre os dez volumes publicados dos PCN, destaco o Volume 8

¹⁴ Assinada na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia – 5 a 9 de março de 1990. A Conferência foi convocada pela Unesco, Unicef, PNUD e Banco Mundial.

¹⁵ Conferência Mundial sobre Educação para Todos que foi convocada pela Unesco para reiterar os compromissos assumidos em 1990, em Jomtien, e para definir metas. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139393>. Acesso em: 10 dez. 2019.

(Apresentação dos Temas Transversais e Ética) e o Volume 10 (Pluralidade Cultural Orientação Sexual). Gênero e sexualidade são entendidos como temas transversais¹⁶, por tratarem de questões sociais, pois “sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los”, fazendo com que atravessem várias áreas do conhecimento (Brasil, 1997b, p. 29).

Ressalto que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN), em seu artigo 6º, inciso I, preveem que as escolas terão como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, princípios éticos, como o “respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 2013, p. 131).

Em 2014, foi sancionado pela presidenta Dilma Rousseff, o Plano Nacional de Educação (PNE). O documento, com vigência de dez anos, é um conjunto de vinte metas que visa a melhoria da educação brasileira para “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (Brasil, 2014). É curioso observar que este trecho foi modificado pelo Senado Federal, pois, conforme Viana (2018) “retirou a menção expressa à ênfase na promoção da ‘igualdade racial, de gênero e de orientação sexual’, substituindo-a por ‘cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação’”. Em relação, especificamente, ao Ensino Superior destaque, no PNE, a meta 14, na estratégia 8, que diz “estimular a participação das mulheres nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*” (Brasil, 2014).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada – Resolução CNE/CP n. 02/15 –, as referências ao termo “gênero” e “sexualidade” são recorrentes. É previsto no documento que os cursos superiores deverão “garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares” (Brasil, 2015), contemplando discussões sobre diversidade de gênero, sexual, de forma que suas/seus egressas/os possam

¹⁶ “A proposta de transversalidade traz a necessidade de a escola refletir e atuar conscientemente na educação de valores e atitudes em todas as áreas, garantindo que a perspectiva político-social se expresse no direcionamento do trabalho pedagógico; influencia a definição de objetivos educacionais e orienta eticamente as questões epistemológicas mais gerais das áreas, seus conteúdos e, mesmo, as orientações didáticas” (Brasil, 1997b, p. 30).

identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras (Brasil, 2015).

É possível perceber, dessa forma, que os temas gênero e sexualidade permeiam a legislação e as políticas educacionais brasileiras. No entanto, observo que, em relação aos cursos de graduação em Música do Brasil, orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música (Brasil, 2004), há um silêncio. No artigo 4º, no qual há apontamentos para competências e habilidades mínimas da/o egressa/o e no artigo 5º, que dispõe sobre o perfil da/o profissional, não existem menções à discussão sobre a gênero e sexualidade. Dessa forma, deixo em aberto os seguintes questionamentos: com a ausência ou o pouco fomento aos debates sobre gênero e sexualidade na formação superior em música, como atender ao Tema Transversal – orientação sexual – proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997a; 1997b) ou às Leis nº 14.986/2024 e 14.164/2021? Como atender às Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior para a formação de profissionais que identifiquem problemas socioculturais e contribuam para a superação “de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras” (Brasil, 2015)?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM FOMENTO À INQUIETAÇÃO NA EDUCAÇÃO MUSICAL

A revisão bibliográfica aqui apresentada pode ser caracterizada como uma fotografia de um momento, sobre o tema de gênero e sexualidade, quando presente, na educação musical. Busquei, por meio deste texto compartilhar os recortes da revisão bibliográfica realizada em minha dissertação de mestrado (Mota, 2019). A revisão bibliográfica foi classificada, portanto, em três grupos temáticos: trabalhos que investigam a intersecção entre identidade de gênero e repertório musical, trabalhos que investigam a contribuição e a participação de mulheres em práticas pedagógicas e musicais e trabalhos que interseccionam gênero e sexualidade em práticas pedagógicas ou na literatura da educação Musical.

Os textos que compuseram esta revisão bibliográfica têm perspectivas de gênero (e sexualidade, quando presente), em geral, diferentes entre si, o que sugere a diversidade de perspectiva teórica e multiplicidade analítica. A partir da revisão bibliográfica é

possível considerar que a maior parte da literatura está centrada em questões vinculadas a gênero, mulheridades e educação musical. Espelho que isso pode ser justificado pela maior parte da bibliografia aqui apresentada ser escrita por mulheres, em geral, feministas, contribuindo para a constituição do campo temático, ainda em emergência, de gênero na educação musical no Brasil.

Nas minhas primeiras reflexões, em meados de maio de 2018, acerca de minha pesquisa de mestrado e de mim mesma como sujeito no mundo, estive bastante imersa em preceitos hegemônicos de mulher. Ao questionar as normas vigentes e desconstruir-me lentamente, sobretudo com o apoio emergente da literatura da educação musical e de outras áreas do conhecimento, fui descobrindo a pluralidade em ser mulher e as experiências que tal alargamento de visão podem proporcionar para a área de Música.

As colaboradoras da minha pesquisa de mestrado – professoras universitárias de violoncelo, mulheres cis, brancas, heterossexuais – me ajudaram a perceber o quanto temos a avançar na discussão de gênero e sexualidade, categorias que considero indissociáveis, bem como as leituras que tenho feito na subárea de Educação Musical. É uma temática com questionamentos infundáveis e que está imbuída de e com a contemporaneidade. Ela não só perpassa nossa vida, nossas ações, nossas reflexões, nossas práticas pedagógicas, seja dentro ou fora da universidade, mas ela direciona nossa vida, nossas ações, nossas reflexões, nossas práticas pedagógicas.

Por fim, gostaria de apontar a pertinência em haver discussões sobre gênero somada à sexualidade na formação acadêmica em música. Pois, é a partir da percepção e a conscientização de uma matriz cisheteronormativa que naturaliza (e cristaliza) a (não)existência de corpos em determinados espaços que há a possibilidade de mudanças, de forma a superar as desigualdades, promovendo a cidadania, acesso e permanência igualitária a todas, todos e todes na educação musical.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Clara Fernandes. Compreendendo os processos formativos e a consolidação dos campos da história da educação musical e dos estudos de gênero no Brasil. In: MONTI; Ednardo Monteiro Gonzaga do; ROCHA, Inês de Almeida (Orgs.). **Ecoss e memórias: histórias de ensinamentos, aprendizagens e músicas**. Teresina: EDUFPI, p. 21-59, 2019.

BLAY, Eva Alterman. Gênero na universidade. **Educação em revista**, n. 3, 2002, p. 73-78.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 2/2004**. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 10-13, mar. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Lei 13.005 de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em 10 dez. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2/2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília: Seção 1, p. 8-12, jul., 2015.

BRASIL. **Lei nº 14.164 de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14164.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.164%2C%20DE%2010,%C3%A0%20Viol%C3%Aancia%20contra%20a%20Mulher. Acesso em: 19 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.986 de 2024**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14986-25-setembro-2024-796400-publicacaooriginal-173212-pl.html>. Acesso em: 19 nov. 2024.

GREEN, Lucy. **Music, gender, education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. **Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907 – 1958)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecília. Quando as professoras de música se transformaram em autoras de livros: uma visão panorâmica da produção escrita por mulheres sobre música. *In: MONTI; Ednardo Monteiro Gonzaga do; ROCHA, Inês de Almeida (Orgs.). Ecos e memórias: histórias de ensinamentos, aprendizagens e músicas*. Teresina: EDUFPI, p. 305-331, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: Editora da autora, 2012.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARIANO, Hugo Romano. **Gênero e sexualidade na educação musical: uma análise dos conteúdos das publicações no portal de periódicos da Capes**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MEURER, Rafael Prim; PEREIRA, Sergio da Silva. “Tu é testada o tempo todo”: violências de gênero na perspectiva de educadoras musicais em formação. *In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23.*, 2017. Manaus. **Anais [...]**. Manaus: ABEM, 2017.

MOREIRA, Marcos dos Santos. **Mulheres em bandas de música no Nordeste do Brasil e no Norte de Portugal**. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. **Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; SOUZA, Zilmar Rodrigues de. O que os dados nos dizem?: um levantamento estatístico sobre o número de professoras de violoncelo nas universidades federais brasileiras. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 14*, 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Abem, 2018.

NOGUEIRA, Isabel; ROSA, Laila; TANAKA, Harue. A produção musical e sonora de mulheres: reflexões sobre processos e práticas a partir de uma perspectiva decolonial" - documento final. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28.*, 2018, Manaus. **Anais [...]** Manaus: ANPPOM, 2018.

OLIVEIRA, Thaís Nascimento. Repertório de violão no curso superior de música: relato de experiência de uma estudante de graduação. *In: Encontro Regional Sul da Associação*

Brasileira de Educação Musical. Santa Maria, 18., **Anais** [...] Santa Maria: ABEM, 2018.

PAGES, Tamiê; WILLE, Regiana Blank. Educação Musical e Gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. **Anais** [...] Manaus: ABEM, 2017.

PEREIRA, Eilton Perpetuo Rosa. As 300 teses em Educação Musical produzidas no Brasil até 2017. In: Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical, 15., 2018, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia: ABEM, 2018.

PEREIRA, Eliton Perpétuo Rosa; GILLANDERS, Carol. A investigação doutoral em educação musical no Brasil: meta-análise e tendências temáticas de 300 teses. **Revista da Abem**, v. 27, n. 43, p. 105-131, jul./dez. 2019.

RECÔVA, Simone Lacorte. Na cadência do gênero: histórias de vida das docentes universitárias violonistas brasileiras (1980-2018). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 29., 2019, Pelotas. **Anais** [...] Pelotas: ANPPOM, 2019.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; HORA, Eric; SILVA, Laurisabel; MORAES, Luciano; ALCÂNTARA, Neila.; ARAÚJO, Sheila. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões. In: NOGUEIRA, Isabel; CAMPOS, Susan. (Org.). **Estudos de gênero, corpo e música**. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, p. 110-137. 2013.

SANTOS, Karla Maria Martins; GERIZANI, Marcela Conti. Assédio moral no ensino de música: uma investigação inicial com foco em ocorrências na educação musical. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais** [...] Manaus: ANPPOM, 2018.

SIEDLECKI, Vivian Regina. **A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciados/as em música**. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Helena Lopes da. **Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SILVA, Helena Lopes da. Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso. **Revista Opus**, [S. l.], v. 8, p. 74-84, fev., 2002.

SILVA, Helena Lopes da. Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 11, 75-83, set. 2004.

SILVA, Helena Lopes da. Gênero, adolescência e música: um estudo de caso no espaço

escolar. **Em pauta**, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 71-92, jan.-jun, 2006.

SILVA, Helena Lopes da. **Música, juventude e a construção da identidade de gênero no espaço escolar**. Curitiba: Appris, 2019.

SOARES, José. SCHAMBECK, Regina. FIGUEIREDO, Sérgio. **A Formação do Professor de Música no Brasil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

SORRENTINO, Harue Tanaka. **Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico**. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TANAKA, Harue. Reflexões sobre o universo da performance musical feminina: o caso das sanfoneiras acadêmicas. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: ANPPOM, 2018.

TANAKA, Harue. Mulheres em performance musical: nosso musicar local. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 29., 2019, **Anais [...]**. Pelotas: ANPPOM, 2019.

VIANA, Igor Campos. Educação de gênero e sexualidade no marco da teoria crítica da constituição: Uma análise reconstrutiva das políticas públicas de educação no Brasil DE (1998-2014) e a defesa de uma leitura democraticamente comprometida do PNE (2014-2024). **Revista Libertas. Ouro Preto**, v. 3, n. 2, fev./mar. 2018.

WENNING, Gabriela Garbini. **Docência de música e a diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música na educação básica**. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

WENNING, Gabriela Garbini. Docência de música e a diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., 2018, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: ABEM, 2018.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; ALMEIDA, Bruno Felix da Costa; ERTEL, Daniele Isabel; HERENCIO, Diego Luis Faleiro. Discussões sobre gênero e corpo na educação musical. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: ABEM, 2018.

ZERBINATTI, Camila Durães. Reflexões sobre a ausência do repertório de compositoras brasileiras em dois cursos de bacharelado em violoncelo no Brasil. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 28., 2018, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: ANPPOM, 2018.

ZERBINATTI, Camila Durães; NOGUEIRA, Isabel Porto; PEDRO, Joana Maria. A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. **Descentrada**, La Plata, v. 2, n. 1, mar. 2018.